

HERZILA BASTOS*

REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES ENTRE NAÇÕES, INTERRELAÇÃO LÍNGUA /
CULTURA E ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

(RELATIONS BETWEEN NATIONS, INTERRELATION LANGUAGE/CULTURE
AND FOREIGN LANGUAGE TEACHING)

RESUMO

Este artigo se propõe a ser uma base de questionamentos e não uma pesquisa concluída sobre o assunto aventado no título.

Primeiramente, discute-se a relação de dependência e de falta de confiança em termos culturais que marcam os países de terceiro mundo em relação aos países desenvolvidos. Em seguida, aborda-se a questão da interrelação língua/cultura, em forma de questionamento. Até que ponto uma língua expressa uma cultura? O que acontece quando se ensina uma língua estrangeira a uma pessoa?

Num terceiro momento, remete todos os pontos considerados no trabalho à postura do professor face a eles. Qual a posição do docente frente a essas questões? Existe uma postura? Uma série de perguntas são levantadas. Finalmente, a autora expressa sua opinião.

* Professor Auxiliar de Língua Inglesa do Departamento de Letras Germânicas da Faculdade de Letras da UFMG.

SUMMARY

This paper aims at being a moment of questioning rather than a research about the topic expressed in the title.

At first, the writer deals with the feelings of dependence and lack of self-confidence in cultural terms that mark the relationship between underdeveloped and developed countries. Then, she questions the interrelation between culture and language. To what extent does a language express the culture of the people that speaks it? What really happens when a foreign language is taught to a person?

As a third step, the writer deals with all the topics mentioned previously but now the teacher is considered, i.e., the questioning now is: what is the attitude of the teacher in relation to each one of these topics? Several questions are raised. Finally, the writer expresses her opinion.

Cumpra notar que este artigo não se propõe a ser uma pesquisa e sim um momento de questionamento sobre um tema que tanto tem preocupado profissionais de Letras e de Educação: nenhum ensino escapa a interesses e posturas culturais de um povo.

Conforme afirma Firth (1964:67), "*cada homem carrega sua cultura e muito de sua realidade social para onde fôr.*" Seguindo ele,

começamos nossas vidas com os papéis simples de dormir e alimentar-nos, mas quando começamos a nos tornar ativos socialmente, a partir dos dois meses de idade, gradualmente acumulamos papéis sociais. Durante o nosso período de crescimento, nós nos incorporamos à organização social à qual pertencemos, sendo que a condição principal e o meio de se atingir essa incorporação é aprender a dizer o que o outro espera que digamos, dadas as circunstâncias. (FIRTH in HYMES, 1964:67)

Essa mesma relação que se nota a nível individual é percebida a nível de nações. Assim sendo, cada nação tem em seus nativos uma cultura e uma realidade social própria. Entretanto, nenhum país é ilha isolada. Da mesma forma que nós nos incorporamos à organização social à qual pertencemos, as nações se interrelacionam entre si.

Toffler, nessa relação entre nações, aponta que os países de terceiro mundo, como colonizados que já foram, até hoje, numa relação clara de neo-colonialismo, não têm tido o direito de viver suas etapas de desenvolvimento até o fim. Considerando se três ondas mundiais - a de agricultura, a industrial, a da informática - aos países de terceiro mundo é negado cumprir integralmente as etapas de uma "onda" e a outra já lhes é imposta, por interesses externos e/ou internos influenciados pelos pri-

meiros. Em resumo, empenham-se numa corrida onde serão sempre os eternos retardatários.

Gazolla, em comunicação na Semana de Estudos Anglo-Germânicos da UFMG, em 1986, ainda ressalta que esses países se reduzem a "eco" do padrão do colonizador (que seria o Narciso, preocupado somente consigo mesmo). O máximo que poderiam fazer seria aterem-se à imagem pré-concebida que os do primeiro mundo têm deles, ou seja, a de países exóticos.

O Brasil não escapa a esse padrão. Todas as tendências de um povo estão em sua cultura que, nesse caso, vê-se extremamente susceptível a modismos e estrangeirismos. Há algum tempo prevalecia, principalmente nas camadas mais altas, a educação predominantemente humana imposta pela cultura francesa. Essa fase ainda não havia frutificado em termos nacionais, quando a diretriz mundial se alterou: a tecnologia ganhou terreno, o que foi um dos fatores que levaram a língua inglesa a começar a prevalecer.

Aparentemente, os países europeus, por exemplo, vivem oscilações de interesses mundiais sobre uma base sólida de confiança em sua própria cultura, apresentando, então, valores próprios até mesmo intransigentemente arraigados. Por outro lado, os países de terceiro mundo não têm sequer confiança de terem qualquer base cultural a sustentá-los, exceto, talvez, a imagem que lhes é devolvida do exterior: "exóticos", "sem seriedade", etc.

Como ressaltou Solange Ribeiro em palestra na UFOP em setembro de 1986 e em artigo na "Revista de Estudos Germânicos" nº 6, nem entreguismo e apatia, nem isolacionismo são posturas desejadas se perseguirmos alguma maturidade cultural. O contato

R.Estud.Ger., Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 165-175, dez. 1986.

com outras culturas pode ser um momento de grande postura crítica e crescimento.

A questão de cultura de um povo nos remete ao problema da língua. Afinal, entre outros fatores, aparentemente, a cada hegemonia política e cultural de uma nação representante de um pensamento dominante equivale a valorização exacerbada da língua falada nesse país.

Cabe aqui repetirmos as perguntas fundamentais de Hymes: *"Até que ponto e de que modo uma língua está relacionada com a visão de mundo daqueles que a falam?"* (p. 115). E mais, *"os hábitos e diferenças lingüísticas podem ser tomadas como determinantes de outros tipos de diferenças e hábitos?"* (p. 116).

Não raro nossos alunos de Inglês nos perguntam porque o pronome pessoal da primeira pessoa - "I" - é escrito com maiúscula, ou porque a língua inglesa não tem desinências verbais. Esses fatos lingüísticos atuais seriam um reflexo de razões culturais? No que essas razões culturais difeririam das nossas de brasileiros, numa análise lingüística do Português?

Língua e cultura são indissociáveis e os professores de línguas devem estar atentos a isso, inclusive os que dão aula do vernáculo.

Segundo Kroeber, em Hymes, para Boas, *"deve haver paralelismo entre o comportamento histórico da língua e da cultura"* (p. 656). Segundo Hymes, Boas *"via a língua como intrinsecamente envolvida numa cultura, e não como determinante da mesma"* (p. 118).

Hymes continua a discussão sobre esse tópico tão importante para os profissionais de Letras ao dizer:

Esperar-se-ia uma pergunta fundamental a ser respondida pela Antropologia Social: como uma língua estaria relacionada à estrutura social da comunidade na qual ela é falada? (...) A maioria dos estudos, não importa a fonte, são estudos de casos com pouca atenção dada à comparação inter-cultural. (...) Enquanto operarmos em termos de língua e cultura concebidas como coisas separadas, internamente homogêneas e distintas exteriormente, é comum falarmos da língua e da cultura de um povo." (HYMES, 1964:385)

Ele implica que, quando não se percebe uma coincidência de língua, cultura e povo, pode-se verificar dois casos: "uma língua e cultura acontecendo além dos limites de uma dada comunidade de fala e o problema da co-ocorrência de mais de uma língua e cultura dentro de uma mesma comunidade " (HYMES, 1964:385-6).

A atividade de uma comunidade constitui um sistema no qual cada fala tem uma mensagem, um codificador, um decodificador, um canal, etc.

Esse sistema reproduz-se também no primeiro caso mencionado, ou seja, uma língua e cultura acontecendo além dos limites de uma comunidade de fala. É o caso discutido por Diebold:

- o contato e convergência entre duas línguas e culturas diferentes resulta numa situação sociológica na qual o mesmo indivíduo aprende elementos de um sistema linguístico ou cultural que não o seu sistema nativo. Contato linguístico - bilinguismo;
- as mudanças linguísticas resultantes de tal contato são chamadas empréstimos ou interferências;
- para os antropólogos, a situação de aprendizagem não é contato linguístico, mas contato cultural e o processo de aprendizagem é a aculturação. (DIEBOLD, in HYMES, 1964:496)

Bloomfield chama a atenção para o fato de que "em todos os casos, é a língua 'inferior' que empresta da 'superior' " .

(BLOOMFIELD in HYMES, 1964:497)

Podemos visualizar o seguinte: de um lado existe a situação configurada por empréstimos estrangeiros normais em qualquer língua, empréstimos esses de culturas "superiores" em determinado momento histórico, e, de outro, há a situação de bilingüismo. Aparentemente, a nossa posição é intermediária em termos lingüísticos: não há bilingüismo no Brasil e a questão não se restringe a empréstimos estrangeiros normais.

Mesmo não havendo bilingüismo, há vocábulos ingleses em canções brasileiras. Em depoimento de uma orientadora educacional de uma escola de primeiro grau na periferia de Belo Horizonte, na hora do recreio, no pouco espaço de que dispõem, as crianças exigem e só se acalmam quando a orientadora coloca música de discoteca para poderem dançar. As brincadeiras e canções de roda, etc , têm menos interesse do que essas músicas nessa situação. Portanto, é igualmente muito difícil respondermos onde exatamente nos colocamos em termos de aculturação. Parece-nos estarmos mais identificados com a posição de terceiro mundo, na qual há grande susceptibilidade a modismos e estrangeirismos , novamente numa situação intermediária entre aculturação em alto grau e a posição de país consciente de seu valor cultural que recebe influências exteriores em nível normal de nação que se interrelaciona com outras.

Acrescentamos, então, à pergunta de Hymes, "*Até que ponto o de que modo uma língua está relacionada com a visão de mundo daqueles que a falam?*", mais uma: Se é verdade que essa visão de mundo está relacionada com a língua nativa de um país, o que acontece ao se ensinã-la a pessoas de outros povos? E mais: como fazer desse ensino um instrumento de conscientização e não

de agravamento do quadro delineado acima?

Acreditamos que vários ramos das ciências humanas devam ser envolvidas na tentativa de resposta a essas perguntas, mas também cremos que elas nos remetem à discussão do papel ideológico do professor durante a aprendizagem, especificamente de uma língua estrangeira.

Tomando-se cada ponto levantado neste trabalho de reflexão, agora considerado em relação ao docente, teremos algumas perguntas a nos fazer:

- Que atitude tomamos frente à queima de etapas mencionada por Toffler? Damos-lhe força ao mostrarmos o modo de vida do povo estrangeiro como incondicionalmente desejável, em detrimento dos nossos próprios passos, ou será que tentamos separar as realidades objetivamente, mostrando a interrelação econômica e sociológica entre elas?

- Reforçamos a imagem de "exotismo" ao sempre nos compararmos apenas com a metrópole e nunca com povos semelhantes a nós? Será que estamos certos ao nos atermos ao conhecimento apenas da cultura dos povos desenvolvidos falantes da língua estudada? Por exemplo, se se estuda o Inglês, atermo-nos à cultura americana e à inglesa, ou, se estudando o Francês, atermo-nos à cultura da França, ou, se estudando o Espanhol, atermo-nos tão somente à cultura da Espanha, e assim por diante, parecendo que povos de terceiro mundo como nós, ou segmentos menos privilegiados de forma geral, não nos transmitem nada na sua luta por se encontrar, luta, aliás, que é nossa também.

- Qual o nosso nível de consciência do fato de uma lín -
gua poder ser, teoricamente pelo menos, veículo da visão de mundo
daqueles que a falam? Com que seriedade consideramos esse aspe
cto, principalmente se levamos em conta que, culturalmente, pode
mos ser susceptíveis a estrangeirismos e modismos? Será que
restringimo-nos ao ensino de sintaxe, etc., sem prestarmos atenç
ão ao que estamos repassando a nível de idéias? Se tal question
amento quanto à interrelação língua/cultura é válido no ensino
do vernáculo, mais sério ainda se torna quando lidamos com id
éias de um outro povo. E se esse povo é considerado "superior",
é claro que o problema se agrava ainda mais. Bem lembra Solange
Ribeiro, em seu artigo na "Revista Estudos Germânicos" n^o 6, que
nós de terceiro mundo não lemos o que vem do estrangeiro critic
amente. Segundo Sabará, em seus estudos na área de ideologia,
tal atitude se deve, dentre outros fatores, a um "complexo de
colonizado".

- Como nós nos posicionamos frente à situação intermediári
a entre bilingüismo e posição dita normal de interação ling
üística? Será que não reforçamos um "complexo" ao dizermos a
língua estrangeira ser mais "sonora", "objetiva", ou qualquer
outro adjetivo que a ponha diferente do Português e não como
língua totalmente autônoma da nossa?

Dentro de tudo o que foi levantado nestas reflexões, pare
ce-nos, a nível institucional de formação do professor, que a
prática de reforçar o conhecimento de uma camada privilegiada
dos países desenvolvidos, seja através de estudos de língua ou
de literatura, vem muito a propósito para todo um "status quo"

já estabelecido. Em outras palavras, como educadores, nós, professores de línguas estrangeiras, qualquer seja ela, não estamos fazendo mais do que corroborar o que nos é transmitido no dia-a-dia de um país de terceiro mundo: por analogia com o que esses povos desenvolvidos conseguem e nós não conseguimos, somos diferentes, não temos a eficiência e clareza de raciocínio desejadas, não somos sérios.

Por que tanta dificuldade em se ter estudos TAMBÉM de povos com realidade de terceiro mundo? Será que temos em relação a eles o mesmo complexo de superioridade que os desenvolvidos têm em relação a nós? Ou será que o nosso complexo de inferioridade em relação aos "grandes" é tão marcante que achamos que só com os poderosos desses países podemos aprender? Será que não estamos caindo numa armadilha ao nos restringirmos tanto (a nível de tipo de país (metrópole) e a nível de classe social dentro do país escolhido)? Por mais "ricos culturalmente" que esse país e esse segmento social escolhido possam ser, será que não reforçamos diversas das características de terceiro mundo ("eco", "complexo", "susceptibilidade a estrangeirismos") ao SÓ estudarmos esses povos e esses segmentos? Eles não podem ser excluídos, mas será que devem ser os únicos? Esta é a grande pergunta.

Creemos que contato diversificado possa ajudar em termos de postura crítica e consciente do professor quanto à nossa posição no cenário cultural, não confundido com cenário econômico. E, se o professor se posicionar frente a isso, ele reproduz essa postura por onde passar.

Uma vez que esse contato inexistente, cabe-nos fazer uma pergunta crucial dentro da realidade que vivemos, com todas as

R.Estud.Ger., Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 165-175, dez. 1986.

suas limitações: será que estamos conscientes de trabalharmos com uma língua estrangeira num país que luta para se encontrar e que apresenta as características delineadas no início destas reflexões?

Fazemos esta pergunta porque acreditamos:

- Que o ensino de línguas estrangeiras pode ser um fator inigualável de conscientização do nosso próprio valor enquanto nação e nosso lugar no cenário cultural,

- a) se percebermos que, por ser este um momento de contato com outra cultura, inevitavelmente, mesmo sem o desejarmos conscientemente, nós nos posicionamos frente ao outro povo, qualificando-o e a nós mesmos;
- b) se percebermos que uma sala de aula é um local onde pode-se questionar uma realidade, refletindo-se sobre ela. Não há necessidade de "engolir" o que nos é destinado como acontece quando assistimos televisão e nos sentimos "bombardeados" por tanta informação;
- c) se o professor agir como "filtro" e não como "intensificador" da mensagem veiculada ao ensino de línguas estrangeiras. Nesse caso, o contato com a "metrópole" pode ser muito importante num trabalho de conscientização.

Conseqüentemente, acreditamos que o posicionamento do professor frente à queima de etapas, ao estigma, assumido ou não, de "exotismo", e à questão da aculturação serão determinantes no seu trabalho, o qual muito se ressentirá da ausência desses questionamentos. Daí a razão deste trabalho de reflexão.

